

Então Tabom: comunidade de ex-escravos retornados a Gana mantêm tradições do Brasil do século 19

Apesar de a língua portuguesa ter se perdido, a influência brasileira ainda é evidente na culinária, na religião e em diversos nomes. Termo de batismo surgiu de uma frase corriqueira: “tá bom!”.

POR MIGUEL VILELA

FOTOS DE FELLIPE ABREU COM PRODUÇÃO DE HENRIQUE G. HEDLER

PUBLICADO 10 DE AGO. DE 2018, 18:37 BRT

ATUALIZADO 5 DE NOV. DE 2020, 03:22 BRT



Apresentação de agbe (música tradicional dos tabom) no pátio da Brazil House, em Acra, Gana. Apesar dos taboms já não falarem português, o agbe ainda tem trechos de letras cantadas na nossa língua, como o Viva, uma canção tocada em funerais que pede às deidades que levem o espírito do falecido de volta ao Brasil.

FOTO DE FELLIPE ABREU

Quando os primeiros grupos de afro-brasileiros desembarcaram na Costa do Ouro – onde hoje é Gana, na África –, na década de 1830, ninguém falava nenhum dos inúmeros idiomas pelos quais os nativos e os europeus se comunicavam na região. Eles desconheciam tanto a língua do povo ga quanto os idiomas falados por ingleses, holandeses e dinamarqueses.

Os habitantes locais também não conseguiam distinguir quase nada do que falavam os recém-chegados. Apenas uma expressão, dita repetidas vezes, destoava: "está bom". Assim, o que a tradição oral diz ter sido uma tentativa dos brasileiros de dar fim a uma conversa entre interlocutores que não se entendiam ("tá bom, tá bom, tá bom..."), virou o nome de um povo que até hoje vive na capital de Gana, na costa oeste africana.



Os tabons – assim como os agudás e os amarôs, que se fixaram no Togo, no Benin e na Nigéria – são descendentes de um dos vários grupos de afro-brasileiros que deixaram o Brasil e voltaram para a África entre meados do século 18 e início do século 20, em um movimento descrito por alguns pesquisadores como "diáspora reversa". Esse retorno em massa – estima-se entre 3 e 8 mil pessoas – ocorreu depois que uma série de revoltas populares eclodiu no Brasil Império.



VER GALERIA

Por falta de documentos, há pouca certeza sobre a origem brasileira dos retornados. Contudo, segundo a tradição oral, muitos eram escravos afro-brasileiros libertos que, vítimas de racismo, resolveram retornar ao continente africano. Também havia nesse grupo africanos que foram trazidos como escravos, passaram alguns anos no Brasil e voltaram na primeira oportunidade. Muitos dos tabons, aliás, eram da etnia muçulmana huaça, e é poss



tenham sido deportados depois de organizar a Revolta do Malês, em Salvador, no ano de 1935.

Evidências dos retornados podem ser encontradas em boa parte da costa oeste africana. Na Nigéria, onde sobrenomes como Martins, Silva e Moreira ainda são comuns, há um bairro chamado *Brazil Quarter*, com traços da arquitetura brasileira do século 19. No Benim, onde uma mesquita parecida com as igrejas coloniais brasileiras foi construída, ainda se comemora a *burrinha* (uma espécie de bumba-meu-boi) e se come *feijoadá* e *kouzidou*.

Profissões recorrentes

Em Gana, os tabons foram muito bem recebidos pelo povo ga, que legou frações de terra aos afro-brasileiros. Azumah Nelson, hoje conhecido como o primeiro chefe tabom – Nii Azumah I – ficou com a responsabilidade de partilhar as terras concedidas.

O povo ga ocupava a região costeira, era composto principalmente por pescadores e tinha o Mantse Nii Kwaku Ankrah como chefe. Ele viu com bons olhos a chegada dos imigrantes, afinal, entre os recém-chegados, havia arquitetos, carpinteiros, agricultores e alfaiates – profissões pelas quais os tabons ainda são reconhecidos. Até hoje, os mais importantes costureiros de Gana são descendentes de afro-brasileiros como Dan Morton, talvez o mais famoso deles.

— **MAIS POPULARES** —

VEJA MAIS





Ambulante vende acalalá em Acra, Gana. A iguaria é semelhante ao nosso acarajé, mas sem os tradicionais recheios baianos. Os bolinhos feitos com feijão fradinho são, provavelmente, uma adaptação do falafel, levado pelos árabes à África Ocidental, mas feitos a partir de outros grãos – favas e grão-de-bico.

FOTO DE FELLIPE ABREU

Em depoimento no livro *Tabom voices*, Dan Morton conta que fazia os ternos de Kwame Nkrumah – ex-primeiro-ministro, ex-presidente de Gana e um dos fundadores do Pan-Africanismo – e atribui o talento do povo tabom aos seus ancestrais. "Eu treinei mais de 50 alfaiates neste país. Todos eles trabalham bem porque eles [os primeiros tabons] trouxeram a alfaiataria não de qualquer lugar, mas do Brasil. Essa é a inspiração que fez quem eu sou", disse Don.

Quase 200 anos depois da chegada dos primeiros brasileiros, os tabons assimilaram a cultura ga e já nem falam português. Sem uma liderança efetiva depois da morte de Nii Azumah IV, o quinto chefe tabom, em 1983, a questão brasileira foi se perdendo em meio a conflitos e intrigas dentro do clã.



O sexto chefe tabom, Nii Azumah V, assumiu em 1998 com a missão de reunificar a comunidade. Em depoimento no livro *Tabom voices*, ele se considera “tanto ganês quanto brasileiro”, mas confessa que a cultura afro-brasileira estava se dissipando. “Quase perdemos nossa cultura brasileira, diferente de Benin. Benin, por exemplo, [conseguiu manter] sua cultura e seus costumes”, disse o líder.

Do lado de cá

No Brasil, a história dos afro-brasileiros retornados ficou esquecida por muitos anos. Foi somente em 1961, quando Raymundo de Souza Dantas foi enviado por Jânio Quadros a Gana para fundar a primeira embaixada brasileira na África pós-colonial, que alguma relação entre os retornados e sua terra ancestral foi restabelecida.



Vendedora ambulante caminha por vielas próximas à Brasil House – casa construída pelos primeiros afro-brasileiros a chegar em Gana –, na rua Brasil Street, em Accra, Gana.

FOTO DE FELLIPE ABREU



Em seu livro de memórias *África difícil*, Dantas, o primeiro embaixador brasileiro negro, conta que se surpreendeu ao encontrar descendentes de brasileiros em Acra que ainda falavam português. Certa vez, o embaixador e sua esposa, Ideline Souza Dantas, foram recepcionados com uma grande celebração que "teve caráter eminentemente africano, prevalecendo, porém, sobrevivências de costumes e coisas trazidas da Bahia". Por fim, sua esposa foi convidada ao terreiro para dançar "sob aplausos e ao som de uma velha cantiga baiana, com o refrão 'Viva Iáíá, Viva Iáíá'".

Mas a primeira visita de um chefe de estado brasileiro a Gana e ao povo tabom aconteceu só em 2005, quando uma comitiva liderada pelo ex-presidente Lula e os então ministros Gilberto Gil e Celso Amorim viajou ao país africano. Na ocasião, a Brazil House, sobrado construído no século 19 pelos primeiros afro-brasileiros a chegarem na cidade, foi restaurada e transformada em museu.

Hoje, porém, o museu está fechado. A embaixada brasileira em Acra achou que a construção apresentava riscos aos visitantes e precisava de uma nova reforma. Apesar de esforços para restaurar a casa no mesmo estilo que o original, as negociações com os atuais proprietários do sobrado falharam e o projeto foi deixado de lado.

Nos últimos anos, houve outras tentativas pontuais da embaixada brasileira em Acra de reaproximar os tabons do Brasil. Entre elas, a reedição do livro *Tabom, a Comunidade Afro-brasileira no Gana*, de Marco Aurelio Schaumloeffel – uma das fontes desta reportagem –, a produção de um livro de entrevistas com membros importantes da comunidade – o *Tabom voices* –, e a organização da visita do mestre percursionista Eric Morton à Bahia.

Líder tabom

Eric Morton é uma espécie de líder cultural da comunidade. Mestre de percussão tabom – autoridade responsável pelos funerais e cerimônias relacionadas a



Xangô –, ele veio ao Brasil em 2016 e, entre outras atividades, tocou ritmos afro-brasileiros com músicos baianos, visitou terreiros de candomblé, participou de rodas de capoeira e ensaios dos Filhos de Ghandi e do Olodum.

Para Morton, a visita também serviu para que os brasileiros conhecessem ele e sua cultura. “Vou ensinar a eles algo sobre o agbe [a música tradicional tabom] de Gana e do Brasil, juntos”, disse Morton no documentário *Tabom in Bahia*, de Nilton Pereira e Juan Diego Diaz, que registrou a passagem do músico pela Bahia.

Morton também foi o responsável por apresentar seus conterrâneos ao fotojornalista Fellipe Abreu e ao produtor Henrique Hedler. Fellipe e Henrique visitaram o país em 2017. Curiosos pela história dos afro-brasileiros em Acra, pediram ajuda à embaixada brasileira, que os colocou em contato com Morton. “Desde o começo, fomos muito bem recebidos pelo Eric. Ao longo de uma semana ele nos abriu todas as portas para conhecermos o que ainda resta da cultura tabom”.

Fellipe conta que, apesar de a língua portuguesa ter se perdido, a influência brasileira ainda é evidente nos pequenos detalhes: na culinária, na religião, nos nomes aportuguesados de algumas ruas e nos sobrenomes de algumas famílias. “É como se fôssemos testemunhas de uma parte importante da história do nosso país”, disse Fellipe.

A intenção de Fellipe ao fotografar os tabons era disseminar uma história importante, mas desconhecida da maior parte dos brasileiros. “Os tabons, assim como os outros grupos que retornaram para a costa oeste da África, são uma parte de nossa história que pouca gente conhece no Brasil, mas que deveria ser estudada nas nossas salas de aula, assim como a cultura africana em geral”, disse Fellipe. “Só assim vamos aprender a reconhecer e valorizar nossas raízes”.

